

Plínio e a sombra tutelar de Cícero

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Universidade do Minho

Abstract: This article seeks to evoke Cicero's life and work through the life and work of Pliny the Younger, a deep admirer of the Arpinate. The comparison will focus on three components of each author's work (poetry, oratory and epistolography) against the background of two (almost) parallel lives and the passion they both share for the *studia humanitatis*.

Keywords: Cicero; Pliny the Younger; *otium* and *negotium*; Letters and immortality.

*Est enim mihi, inquam, cum Cicerone aemulatio,
nec sum contentus eloquentia saeculi nostri.¹*

Pensar em Plínio (Plínio-o-Moço) e associá-lo a Cícero não constitui um exercício novo nem sequer recente. Já em tempos do próprio Plínio Marcial o fizera, tendo sido talvez o primeiro a chamar a atenção para a forma estudada como aquele tentava emular o grande orador. Com o seu argutíssimo espírito observador, e não sem alguma ponta de ironia, Marcial identificou num ou dois traços elogiosos aquilo que unia os dois escritores, referindo-se assim ao *facundus Plinius*:

*Totos dat tetricae dies Mineruae,
dum centum studet auribus uirorum
hoc quod saecula posterique possint
Arpinis quoque comparare chartis.*

Ele dedica os dias inteiros à exigente Minerva,
a preparar, para os ouvidos dos centúviro,
o que as gerações vindouras vão poder
comparar até aos livros do Arpinate.²

¹ Plin. *Ep.* 1.5.12.

² Mart. 10.20.14-27. Trad. de Paulo Sérgio Ferreira, em Marcial, *Epigramas*, vol. IV (Lisboa 2004) 31.

Estes versos, que fazem parte de um epigrama de Marcial destinado a acompanhar a oferta de um livrinho a Plínio, têm a marca do *cliens* que elogia com reverência o *patronus*, ao sublinhar o seu esforço em seguir as pisadas do grande advogado e orador de Arpino. Aos nossos olhos — e apesar de se terem perdido na totalidade os discursos de Plínio, exceção feita ao *Panegírico de Trajano* —, a comparação entre os dons oratórios de Plínio e Cícero é manifestamente forçada, conhecida como é a enorme distância que os separa. Ocorre, contudo, perguntar se teriam, o *laudator* e o *laudatus*, nítida consciência da inadequação da homologia, ainda que estabelecida no contexto panegírico de um epigrama dedicatório. Tudo parece indicar que sim, tanto mais que Marcial sobreleva o empenho e o esforço de Plínio para ser o Cícero do seu tempo e Plínio, por sua vez, revela ter plena consciência de que os tempos tinham mudado, pelo que a comparação era impossível. Seja como for, o epigrama em causa agradou ao destinatário, que o transcreveu parcialmente numa das suas cartas (3.21), a conhecida carta, em jeito de necrológio, que noticia a morte de Marcial e na qual o epistológrafo manifesta o seu reconhecimento ao poeta, por este ter pretendido perpetuar a memória do *patronus* homenageando-o nos seus versos. Mas Plínio, ao agradecer o poema laudativo que Marcial lhe dedicara e ao gravá-lo para a posteridade no seu epistolário, não deixou de dar a entender, de forma algo pretensiosa, que nem atribuía grande valor à poesia de Marcial nem confiava na imortalidade da obra do poeta hispânico. Era sua convicção, de facto, que os versos de Marcial não estavam destinados à imortalidade, apesar de o poeta de BÍlbilis os ter composto esperançado de que o seriam: *ille tamen scripsit tamquam futura*. E o homenageado, sem estar, no entanto, certo de merecer esse louvor — *meritone?*, interroga-se ele —, mesmo assim não deixou de o registar, para a posteridade. Em boa verdade enganaram-se ambos: o poeta no seu veredicto, o orador na sua ambição.

A comparação com Cícero agradou a Plínio, portanto, e o certo é que ao longo da obra pliniana se encontram ecos sistemáticos do seu extraordinário apreço pelo grande homem de Letras que fora o Arpinate. Mas, mais importante ainda, não é apenas na obra escrita que esse apreço

se revela. A própria carreira da vida de Plínio ostenta pontos de estudada semelhança com a de Cícero.³

A vida

Plínio e Cícero: vidas (quase) paralelas. Um e outro tiveram a sorte de nascer no seio de uma família, da ordem equestre, que lhes proporcionou os meios necessários a uma formação intelectual e moral de elevado nível. Ambos se prepararam, através de estudos na área do direito e da retórica, para o exercício de funções de relevo como a de advogado (*patronus*), a profissão que abria então o caminho ao exercício de outras funções públicas. Ambos passaram pela experiência militar (obrigatória) e ambos se revelaram pouco atraídos por ela. Prosseguiram, depois, a carreira da vida percorrendo todos os degraus do *cursus honorum* e, por essa via, ingressando na política. Alcançado que foi o topo da carreira política (o consulado), ambos exerceram funções de propretor na qualidade de governadores de uma província na Ásia Menor (Cícero na Cilícia, Plínio na Bitínia-Ponto), ambos foram encarregados por provinciais de fazer a sua defesa em tribunal⁴, ambos ocuparam o honroso cargo de áugure. Neste caso específico, dá-se até a circunstância de Plínio se ter regozijado com a possibilidade que a vida lhe ofereceu de exercer esse cargo, uma dignidade vitalícia, e de também aí ter imitado Cícero. Em carta a Maturus Arrianus (4.8), que o felicitara pelo augurado, Plínio não conseguiu esconder a sua alegria e até mesmo uma ponta de vaidade, pois o cargo resultava da confiança do *Princeps* e ele ocupava-o sendo ainda mais novo do que Cícero.⁵ Era, como dizia, um “sacerdício antigo

³ Sobre esta matéria veja-se A.-M. Guillemin, *Pline et la vie littéraire de son temps* (Paris 1929), A. N. Sherwin-White, *The Letters of Pliny. A Historical and Social Commentary* (Oxford 1998 (1966)) e Virgínia Soares Pereira, *Plínio-o-Moço* (Lisboa 2000).

⁴ Cícero defendeu os Sicilianos (ele que fora questor na Sicília) contra os desmandos de Verres na “caça” às obras de arte; por seu lado, Plínio, que foi procônsul na Bitínia-Ponto, ocupou-se da defesa do procônsul Rufus Varenus, governador da Bitínia e que fora acusado pelos Bitinos (vd. carta 5.20).

⁵ Cícero foi consagrado áugure em 53 a.C., com mais de cinquenta anos, ao passo que Plínio tinha cerca de quarenta e dois anos quando passou a integrar o

e insigne, sagrado entre todos e venerável”. Mas o amigo felicitava-o, além do mais, por seguir os passos de Cícero, que também fora áugure. Eis como Plínio registou para a posteridade, nessa carta, o caso:

Te quidem, ut scribis, ob hoc maxime delectat auguratus meus, quod Marcus Tullius augur fuit. Laetaris enim quod honoribus eius instam, quem aemulari studiis cupio. Sed utinam, ut sacerdotium idem, ut consulatum multo etiam iuuenior quam ille sum consecutus, ita senex saltem ingenium eius aliqua ex parte assequi possem! Sed nimirum, quae sunt in manu hominum et mihi et multis contigerunt; illud uero ut adipisci arduum, sic etiam sperare nimium est, quod dari non nisi a diis potest. Vale!

Quanto a ti, e segundo escreves, agrada-te particularmente o meu augurado pelo facto de Marco Túlio ter sido áugure. Alegra-te, de facto, a circunstância de eu seguir as suas pisadas na carreira das honras, ele a quem eu desejo emular nos estudos. Mas praza aos deuses que, tal como fui investido no mesmo sacerdócio e no consulado com muito menos idade do que ele, que me seja dado, ao menos em idade mais avançada, possuir alguma parcela do seu génio! É que não há dúvida: os dons que estão em poder dos homens, tive-os eu como os demais. Mas o que não pode ser senão dádiva dos deuses, isso é tão difícil obtê-lo quanta a presunção em esperá-lo. Adeus.

Do ponto de vista da carreira política, há ainda a sublinhar a circunstância de ambos terem convivido com os “senhores do mundo” do seu tempo, Cícero com César, Pompeio e até (mas por muito pouco tempo) Octávio (o futuro Augusto), Plínio com Domiciano, Nerva e Trajano. Mas as semelhanças ficam por aqui, pois Cícero viveu, como se sabe, num momento extremamente difícil da vida em Roma, tendo sido chamado ao palco da política e afastado desse mesmo palco por diversas vezes, enquanto Plínio, ao que parece, pôde gozar do seu prestígio e posição social de modo sereno — pese embora o facto de os últimos anos da sua vida não nos serem, em boa verdade, conhecidos.

Colégio dos Áugures. A respeito da opinião céptica do Arpinate sobre as funções do áugure, sacerdote responsável pela identificação da opinião dos deuses relativamente à realização de certas acções públicas, veja-se Antony Everitt, *Cícero. Uma vida*, trad. de M. José Figueiredo (Lisboa 2004) 205-206.

A paixão pelos *studia* e o desejo de glória

A aproximação acabada de fazer entre a vida destes dois vultos da antiguidade ficaria incompleta e empobrecida se não fosse continuada e desenvolvida com o confronto relativo à forma como ambos, deixando a Urbe, apreciavam as suas *uillae* no campo e o sossego, adequado ao *otium litteratum*, que elas lhes proporcionavam.

Com efeito, formados no pensamento filosófico estoíco-epicurista, ambos preconizavam duas formas de actuação na vida, a da acção e a da vida do espírito, a do *negotium* e a do *otium*. Com uma diferença essencial: um preferia o primeiro, o outro, o segundo.

Plínio prezava o *otium* e ansiava pela possibilidade de se retirar da vida activa e consagrar-se aos *studia*. Em carta a Pomponius Bassus (4.23), felicitando-o por poder, depois de uma vida activa preenchida, gozar de um doce retiro dedicado aos estudos, pergunta-se:

Quando me será lícito, quando é que a idade me permitirá, sem desonra, imitar esse exemplo de um remanso tão belo? Quando é que o meu retiro não terá o nome de preguiça, mas o de descanso?

Pelo contrário, Cícero amava o *negotium* da agitada vida pública, entregando-se ao *otium* (sempre *cum dignitate*) apenas quando as condições políticas o impediam de actuar e lutar no fórum, como aconteceu por mais de uma vez, mas sobretudo no final da vida, nos tempos conturbados que se seguiram ao cesaricídio (em 44 a.C.) e que ele, forçado a afastar-se da acção política, dedicou aos *studia* que mais prezava, os de retórica e filosofia. Veja-se como, na abertura do Livro III dos *Deveres* — uma obra posterior aos Idos de Março —, o orador contrapõe o seu ócio forçado ao de Cipião Africano:

É que esse homem ilustre, quando repousava dos seus magníficos serviços à *res publica*, gozava às vezes de *otium*, e, afastando-se da multidão humana e seu rumor, acolhia-se por vezes à solidão, como a

um porto de abrigo; mas o nosso *otium* é causado pela escassez de *negotium*, não pelo empenho de repousar.⁶

Reflexões deste teor são frequentes na obra de Cícero. Sirva de exemplo uma carta a Célio Rufo (*Fam.* 2.12.2), escrita em Agosto de 51, pouco antes de regressar da província da Cilícia (na Ásia Menor, onde estivera como procônsul durante um ano). Nessa carta mostra-se saudosos de Roma, das luzes da ribalta desta cidade, do seu bulício e agitação:

[...] *Vrbem, urbem, mi Rufe, cole et in ista luce uiue; omnis peregrinatio, quod ego ab adulescentia iudicauī, obscura et sordida est iis, quorum industria Romae potest illustris esse. Quod cum probe scirem, utinam in sententia permansissem! Cum una mercule ambulatiuncula atque uno sermone nostro omnes fructus prouinciae non confero.* [...]

Ah, Roma, a cidade de Roma! Meu caro Rufo, é aí que deves habitar, é nessa luz que é preciso viver. Não há permanência no estrangeiro — penso assim desde a minha juventude — que não seja obscura e miserável para quantos possam em Roma brilhar na sua actividade. Ora sabendo eu isto muito bem, oxalá tivesse mantido esta opinião. É que não troco um único pequeno passeio e uma única conversa nossa por todas as vantagens de um cargo na província.

Este *desiderium Urbis* é perfeitamente revelador do instinto político de Cícero, que percebe quanto lhe é necessário estar em Roma sob o olhar atento dos concidadãos, ser visto, ser comentado, estar na ribalta. Antes disso a ser ignorado, como aconteceu quando, no início da sua carreira, verificou que ninguém fazia a mínima ideia de que ele estivera como questor em Lilibeu, na Sicília..., uma constatação que o deixou um tanto agastado, mas que lhe serviu de lição: percebeu, de uma vez por todas, que o seu lugar era em Roma, onde todos o pudessem ver.⁷ Por isso, quando foi — teve de ir — para a Cilícia como propretor,

⁶ Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II (*Cultura Romana*) (Lisboa 1984) 382-383.

⁷ No livro II das *Verrinas*, 5. 35, Cícero confessa como se sentiu no centro do mundo quando ocupou o cargo de questor em Lilibeu. Mas a história relativa ao facto de ter pensado que todos falavam do caso, o que não aconteceu, vem descrita com alguma graça no *Pro Plancio* 64-65. Plutarco alude ao episódio na vida de Cícero, §7.

escreveu a Ático estas significativas palavras (*Att.* 5.15): “Em resumo, não é o tipo de coisa que me interesse; interessa-me o mundo, o fórum, Roma, a minha casa e os meus amigos”. E em dado passo do *De natura deorum* (3.21) declara mesmo: “Não há nada melhor do que Roma”.⁸

A contrastar com estas palavras de Cícero está o entusiasmo com que Plínio saúda uma vida realizada no *otium* que a sua *villa* Laurentina lhe oferece (*Ep.* 1.9):

*Mecum tantum et cum libello loquor. O rectam sinceramque uitam,
o dulce otium honestumque ac paene omni negotio pulchrius! O mare,
o litus, uerum secretumque μουσείον, quam multa inuenitis, quam multa
dictatis!*

Converso só comigo e com os meus livros. Ó que vida recta e sincera, ó que *otium* doce e honesto, e direi quase mais belo do que todo o *negotium*. Ó mar, ó praia, ó verdadeiro e secreto μουσείον, quantas coisas descobris, quantas me inspirais!⁹

Como se depreende destas palavras, este amor de Plínio pelo retiro, em contacto com a natureza amável, alheado dos afazeres tumultuosos da cidade, está intimamente associado ao seu entranhado amor pelos *studia*. Segundo confessa numa outra carta (*Ep.* 8.19): *Et gaudium mihi et solatium in litteris*, “É nas letras que eu encontro a alegria e o lenitivo”.

Nutriu, de facto, uma verdadeira paixão pelas letras, tendo exercitado a sua pena em diversas formas de arte literária e espelhado a sua paixão em cada página da sua obra, seja na poesia, na oratória ou na correspondência. Atento sempre ao seu modelo.

⁸ Esta paixão de Cícero por Roma é tanto mais interessante quanto se sabe que os seus adversários políticos lhe chamavam “locatário” (*inquilinus*) e estrangeiro. Na verdade, nascera em Arpino, um município do Lácio. Sobre esta intensa paixão pela cidade de Roma, socorremo-nos do interessante e utilíssimo livro de Marie-José Kardos intitulado *Lieux et lumière de Rome chez Cicéron* (Paris 1997).

⁹ Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II (*Cultura Romana*) (Lisboa 1984) 386. Μουσείον, ‘templo das Musas’. Note-se, na citação latina, o valor restritivo de *paene* (‘quase’, ‘por assim dizer’): a Plínio, como cidadão romano, não ficava bem antepor abertamente o *otium* ao *negotium*... Numa outra carta (2.17) considera *nimis urbanus*, ‘demasiado amante da cidade’, o amigo Gallus, se não for capaz de apreciar a sua *villa* Laurentina...

A poesia

No que diz respeito ao cultivo da poesia, quase nada nos chegou da sua produção. Sabe-se, no entanto, que tentou a poesia nas mais variadas modalidades e que também no registo poético teve o Arpinate como modelo. Ele mesmo lembra como ficou admirado ao saber que também Cícero se dedicara à poesia ligeira, na tradição de certa poesia helenística. Quis então, escudado em tão venerando exemplo, experimentar se era capaz de compor uns hendecassílabos e gostou da experiência. Deu essas primícias literárias a apreciar a amigos, eles encorajaram-no a prosseguir e assim compôs versos de diversos géneros. Poesia ligeira, sem dúvida, Plínio referia-se a essa produção poética como *lusus* ('divertimentos'), *ioci* ('brincadeiras'), *paegnia* ('poesia ligeira'), *poematia* ('poemazitos'), *nugae* ('ninharias'), *ineptiae* ('frieleiras'). Se alguém porventura o criticasse por se dedicar, com o seu estatuto social, a tais devaneios poéticos, ele respondia dizendo — à semelhança de Cícero, no *Pro Archia* — que na vida de cada um era necessário contrabalançar os momentos sérios com os de desanuviamento e descontração, e que o consagrar-se à poesia constituía um meio para exercitar as suas faculdades e a sua escrita. Desculpava-se, além disso, argumentando que a sua glória não estava dependente deste tipo de composições, pois já dera provas de valor noutras áreas.

Sublinhe-se que, no tocante à influência de Cícero na sua actividade poética, Plínio apenas se referiu à poesia ligeira, deixando deliberadamente na sombra um outro género de composições cultivado por Cícero, a poesia séria, histórico-épica (um género poético que em elevado grau contribui para firmar a glória de quem escreve e de quem é celebrado). Estão neste caso os poemas *De consulatu suo* e *De temporibus suis*, bem como os versos que Cícero terá composto, depois de muitas hesitações, e em colaboração com o irmão, sobre a campanha militar de César na Britânia. Todos estes poemas, de que nos chegaram alguns

versos, tinham claros intuítos políticos, evidentemente.¹⁰ Tanto quanto nos é dado saber — pois a poesia de Plínio desapareceu quase por completo — nada disto se encontra na produção poética daquele que foi amigo pessoal de Trajano. E o pouco que restou carece, na opinião de A.-M. Guillemin, de qualquer conteúdo e está recheado de clichés.¹¹

No que diz respeito ao valor da poesia de Cícero, lembre-se que Marcial afirmava que se dedicara à poesia *Musis et Apolline nullo* (2.89.3-4) — variante evidente para a consagrada expressão *inuita Minerua*...¹² Uma tal opinião, que Plínio-o-Moço naturalmente ignorou, contrasta, no entanto, com a afirmação de Plutarco, segundo a qual o Arpinate “cultivou cada vez mais esta aptidão e exercitou-se em diversos gêneros de poesia com tanto êxito que foi considerado não só o primeiro dos oradores romanos, mas também o melhor dos seus poetas.”¹³ Todos são unânimes em julgar excessivo este juízo, mas a verdade é que Cícero continuou a apreciar o *otium* poético — que tão eloquentemente elogiou no *Pro Archia poeta* — e disso é testemunho a sua obra, sobretudo a de índole filosófica, sistematicamente sustentada em citações de poetas gregos e romanos. Nesse mesmo discurso em defesa de Árquias, o orador confessa encontrar na poesia (e nos *studia* em geral), os meios com que se

¹⁰ A respeito deste poema encomiástico a César, vejam-se as cartas *Ad Fr. Qu.* 3.1, 3.6 e 3.7 (nas quais Cícero dá conta do começo, da interrupção e da conclusão do poema) e o comentário muito pormenorizado e elucidativo de Jean Boes, *La philosophie et l'action dans la Correspondance de Cicéron* (Nancy 1990): 157-165. Em *Ad Q. Fr.* 2.15.5, Cícero afirma não se sentir diminuído por saber a opinião que César teria do poema em construção, por isso pede ao irmão que lho diga sem subterfúgios: *Nil est quod uereare; ego enim ne pilo quidem minus me amabo*, “não tenhas receio; a minha auto-estima não diminuirá nem um cabelo”.

¹¹ Op. cit.: 48, nota 1. No entanto, e segundo o testemunho do próprio Plínio (*Ep.*, 4.27), os seus *uersiculi* foram apreciados e considerados modelares.

¹² Sobre este aspecto, leia-se João Manuel Nunes Torrão, “Autores de referência na obra de Marcial”, *Humanitas* 56 (2004) 151-152.

¹³ Plutarco, *Cícero e a queda da república patricia*. Tradução e notas de Lobo Vilela (Lisboa s.d.) § 2.

retempera da agitação da vida política. Plínio, como vimos, não esqueceu este ensinamento.¹⁴

Ainda no domínio da poesia algo mais os aproximava: o gosto que tinham em incentivar jovens poetas a dar prova do seu talento. Uma carta de Plínio chega mesmo a evocar esse gosto, sinal de que também nesse particular estava atento ao seu modelo. Diz ele (3.15) ao poeta Silius Proculus:

Desejas que eu, no meu retiro, leia as tuas obras e veja se são dignas de publicação. (...) Invocas mesmo Cícero e o modo encantador e amoroso como favorecia o talento dos poetas.

Por fim, sublinhe-se o grande desejo de glória confessado por ambos em inúmeros passos da sua obra. Cícero desejava ser lembrado muito para lá da sua vida terrena. Segundo lembra Vergílio Paladini, Cícero gostaria de ser lembrado passados seiscentos anos, como confessa por mais de uma vez.¹⁵ E, recorde-se, compôs um tratado (que não chegou até nós) intitulado *De gloria*. Plínio, por seu turno, considerava que o melhor que se poderia desejar era ser imortalizado pela obra de um escritor. Afirmções deste teor surgem na obra de ambos revestidas de mil formas, mas os textos que mais os aproximam e documentam esse comum desejo são a carta de Cícero ao historiador Luceio (*Fam.* 5, 12) e, inspirada nesta, a carta de Plínio a Tácito (7.33), seu grande amigo e talentoso historiador. A coincidência de tópicos não é casual.

Luceio reunia documentos para compor uma *História de Roma* e Cícero pede-lhe que lhe consagre um capítulo especial relativo à sua acção como cônsul na debelação da conspiração de Catilina. Escreve

¹⁴ Para conhecer o pensamento de Plínio e do seu modelo Cícero sobre a poesia, consulte-se Debra Hershkowitz, “Pliny the Poet”: *Greece & Rome* 42 (1995) 168-181, *maxime* 177-180.

¹⁵ Cícero, preocupado com a opinião dos vindouros, dizia (*Att.* 2.5.1): *quid ... historiae de nobis ad annos sescentos praedicarint? Quas quidem ego multo magis uereor quam eorum hominum, qui hodie uiuunt, rumusculos*. Volta a exprimir preocupação idêntica em *Att.* 2.17.2, como refere Vergílio Paladini, “Cicerone: l’uomo e il suo tempo”: *Marco Tullio Cicerone*. Scritti commemorative pubblicati nel bimillenario della morte (Firenze 1961) 31-61, nn. 35-36.

então, nessa missiva que ficou famosa por afirmar que “uma carta não tem vergonha” (por pedir o que não deve...):

*Ardeo cupiditate incredibili neque, ut ego arbitror, reprehendenda, nomen ut nostrum scriptis illustretur et celebretur tuis.*¹⁶

Ardo num desejo incrível e que não deve ser censurado, acho: o de que o meu nome fique nobilitado e celebrado na tua obra escrita.

Confrontemos agora com o homólogo passo pliniano:

*Auguror, nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras: quo magis illis, ingenue fatebor, inseri cupio.*¹⁷

Tenho o pressentimento — e esse pressentimento não me engana — de que as tuas Histórias hão-de ser imortais. É por isso que, confessá-lo-ei sem reboços, desejo ter nelas um lugar.

O confronto fala por si. Ambos procuram um espaço de glória na obra dos amigos historiadores, na medida em que ambos confiam no valor das Letras como fonte de imortalidade. Mesmo que para tal seja necessário dourar os factos, como não deixam de sugerir os dois, cada um a seu modo, quando induzem o destinatário a engrandecer os factos narrados...¹⁸ Em boa verdade, como dirá Plínio de forma eloquente e conclusente, a respeito do elogio que Marcial dele fez: *quid homini potest dari maius quam gloria et laus et aeternitas?*¹⁹

¹⁶ Cic., *Fam.* 5.12.1.

¹⁷ Plin., *Ep.* 7.33.1.

¹⁸ Veja-se A.-M. Guillemin, *Pline et la vie littéraire de son temps*: 116: “Pline songeait certainement à la demande adressé par Cicéron à Lucceius d’embellir son histoire [*Fam.* 5, 12, 3], lorsqu’il termine ainsi deux lettres destinées à fournir une matière historique à un correspondant; l’une: *nec historia debet aggredi ueritatem et honeste factis ueritas sufficit* [*Fam.*, 7. 33. 10]; l’autre: *quamquam non est opus adfingas aliquid aut adstruas; sufficit ne ea quae sunt uera minuantur* [*Fam.* 9.33.11].” Sobre as duas cartas em apreço, a de Cícero e a de Plínio, veja-se o interessante artigo de Niall Rudd, “Stratagems of Vanity (Cicero *Ad Fam.* 5.12 and Pliny’s Letters)”: Tony Woodman & Jonathan Powell (edd.), *Author and Audience in Latin Literature* (Cambridge 1992) 18-32.

¹⁹ *Ep.* 3.21. Na carta 5.8, a Titinius Capito, fala das dificuldades de elaboração de uma obra de teor histórico (que considera próxima da *oratio*) e revela-se inclinado a compor uma, futuramente. Para que fique para a posteridade. Mas ignora-se (o próprio Plínio ainda não sabe) sobre que tema versaria essa obra histórica...

A oratória

Quintiliano, que foi mestre de Plínio²⁰ e grande admirador do talento e da obra de Cícero, tece um rasgado elogio do orador, dizendo a respeito do seu nome que já não é nome de homem, mas de eloquência. E o professor de Retórica faz, nesta sequência, uma exortação aos seus alunos, no sentido de que se dediquem ao estudo do grande orador e estadista, propondo-o como modelo à admiração de todos:

*Hunc igitur spectemus, hoc propositum nobis sit exemplum, ille se profecisse sciat, cui Cícero ualde placebit.*²¹

Ponhamos os olhos neste homem, tenhamo-lo diante de nós como exemplo; saiba que fez progressos o homem que começou a apreciar Cícero.

Muitos foram os que seguiram as suas lições e assim surgiu, a exercer a sua actividade no fórum, uma plêiade de jovens oradores. Vendo que tinham um futuro promissor, Quintiliano mostrava-se comvicto de que quem depois escrevesse sobre eles teria muito que elogiar (§ 122): *Habebunt qui post nos de oratoribus scribent magnam eos qui nunc uigent materiam uere laudandi*. E justifica:

Sunt enim summa hodie, quibus illustratur forum, ingenia. Namque et consummati iam patroni ueteribus aemulantur et eos iuuenum ad optima tendentium imitatur ac sequitur industria.

São, de facto, de enorme talento os que hoje abrilhantam o fórum. Com efeito, não só vemos consumados advogados a emular os antigos, como também vemos jovens promissores, no seu zelo, a imitá-los e a segui-los.

Como alguém sugeriu, Quintiliano estaria talvez a pensar, entre outros que se encontram referidos no *Diálogo dos Oradores*, nos jovens Plínio e Tácito.²²

²⁰ Plínio referiu-se-lhe como *praeceptor meus* (Ep. 2.14).

²¹ Quint., *Inst. Orat.* 10.112.

²² “Directa ou indirectamente, através de Quintiliano, o influxo de Cícero na oratória e na epistolografia pliniana é bem perceptível” (Beatriz Antón,

E Plínio viu em Cícero, de facto, o seu modelo ideal, ainda que não o único. Se alguém, como Regulus, pensou criticá-lo por tentar rivalizar com Cícero, o escritor considerou a crítica um cumprimento, reputando mesmo idiotice não escolher os melhores modelos para imitar (*Ep.*1.5.11 13; cf. 4.8.4). Apreciava os ornamentos de Cícero (1.2.2-4) e considerava, como Cícero, que o melhor discurso era o mais longo. O *Panegírico de Trajano* — o único discurso de Plínio que conhecemos na íntegra —, não só observa as cláusulas preferidas do Arpinate, como se inspirou-se, do ponto de vista do conteúdo, no *Pro Marcello* de Cícero, um discurso epidíctico no qual agradece a César o ter permitido o regresso de Marcelo, apoiante de Pompeio, do exílio.

O discurso ciceroniano fora proferido no Senado, na presença do próprio César — por essa altura já designado de *princeps* por Cícero (*Fam.* 9.17.3) —, e nele o velho consular mostra o seu regozijo pelo facto de Marcelo poder ocupar de novo o seu lugar na Cúria, o lugar por excelência da *res publica*. Trata-se, portanto, de um discurso em louvor da *clementia* do Senhor de Roma e que tem sido considerado uma das obras mais perfeitas de Cícero, apesar da notória atitude de lisonja que o caracteriza e que acabará por determinar, na época imperial (período em que a oratória epidíctica especialmente floresceu), os discursos panegíricos que se lhe seguirão.²³ É exactamente o que sucede no *Panegírico de Trajano*, pronunciado quando Plínio tomou posse do cargo de cônsul. Neste discurso Plínio contrapõe a liberdade assegurada a todos pelo novo imperador (Trajano) aos tempos negros do anterior (Domiciano). É um discurso de fundo político, pese embora o facto de Plínio ter perfeita

“La epistolografía romana: Cicerón, Séneca y Plinio”, *Helmantica* 142-143 (1996) 105-148, p. 144).

²³ Leia-se R. G. M. Nisbet, “The Speeches”: T. A. Dorey (ed.), *Cicero* (London 1964) 72. Na opinião de Albin Michel e de M. Rambaud este discurso é não apenas uma acção de graças mas também um protréptico (veja-se M. Rambaud, “Le *Pro Marcello* et l’insinuation politique”: R. Chevallier (ed.), *Présence de Ciceron* (Paris 1984) 43-56, p. 43).

consciência de que o seu tempo não permite a abertura e a grandeza das questões tratadas no tempo de Cícero.²⁴

Depois de ter proferido o seu *Panegírico de Trajano* no Senado, Plínio entendeu por bem aperfeiçoá-lo e ampliá-lo, para finalmente o recitar diante de um grupo restrito de amigos literatos. Foi o discurso re-elaborado que chegou até nós. E é dele que Plínio fala nas suas cartas, embora o faça mais com preocupações de teor retórico-literário do que político.²⁵ O seu interesse particular resulta do facto de ter sido o único dos discursos de Plínio chegado até nós e, como tem sido lembrado, o único documento de oratória romana dos primeiros tempos da época imperial.

Plínio e Cícero proferiram muitos discursos que não chegaram a ver a luz do dia ou não chegaram até nós, como aqueles que foram proferidos em tribunal ou no Senado, em audiências judiciais, dos quais temos conhecimento porque tanto um como outro transcreveram em carta as alterações havidas durante o interrogatório das testemunhas, em

²⁴ Sobre esta relação entre eloquência e política em Plínio, veja-se o elucidativo estudo de Giusto Picone, *L'Eloquenza di Plinio*. Teoria e prassi (Palermo, 1978), cap. 2 (“Eloquenza e política”), onde se afirma peremptoriamente (p. 159): “Come per Cicerone, anche per Plinio l’oratore è uomo politico”. No capítulo dos discursos políticos, tanto o *Pro Marcello* como o *De lege Manilia* cedo se tornaram modelos de panegíricos com intuítos de propaganda política. Já no tempo de Plínio, o objectivo e as circunstâncias do panegírico são outros. Este género de discurso insere-se no costume de os cônsules agradecerem ao imperador a sua nomeação, pronunciando no Senado um discurso de *gratiarum actio*, tal como, no tempo da República, os cônsules agradeciam ao povo a sua eleição.

²⁵ S. McCormack, “Panegíricos latinos en prosa”, in Carmen Codoñer (ed.), *Historia de la Literatura Latina* (Madrid 1997), p. 725: “El panegírico estaba considerado ante todo como una obra literaria, y sólo en segundo lugar constituía también un instrumento político”. Este mesmo autor lembra (p. 727) que Macróbio considerou o estilo de Plínio panegirista como *pingue et floridum*, dizendo o mesmo de Símaco, que em tudo imitou Plínio (até mesmo no número de livros, dez, das suas Cartas, sendo o último igualmente reservado a correspondência oficial). Plínio apreciou o estilo ciceroniano, nomeadamente no que concerne ao gosto pelo *ornatus*, pela *uoluptas aurium* e à tendência para aproximar poesia e retórica (Elvira Roca Barea, “La estética del discurso en las cartas de Plinio el Joven”, *Helmantica* 142-143 (1996) 175-186).

tribunal, ou as réplicas dos debates no Senado.²⁶ Foi igualmente prática comum enviarem obras suas a amigos, ou a título de presente ou para que emitissem um juízo crítico sobre elas.²⁷

A correspondência

Tornou-se um banal lugar-comum, nos estudos de epistolografia romana, comparar as cartas de Cícero e as de Plínio. Em certa medida, trata-se de um exercício pouco mais do que escolar, pois que as diferenças saltam à vista.

É inegável que Cícero brilhou na política, na oratória e na filosofia em resultado da época conturbada em que lhe coube viver. Ora o seu epistolário — um *corpus* de mais de oitocentas cartas (em rigor, são 869 cartas, sendo 774 do próprio, e 90 enviadas por outros a Cícero) dirigidas a um número bastante menor de destinatários — retrata a vida do orador e político no seu dia-a-dia, as suas angústias e as suas esperanças, as suas emoções e as suas opções, o fluir dos acontecimentos. Vemos passar diante dos olhos a vida romana pública e privada dos dias de Cícero. No geral, as suas cartas abrangem um arco temporal que vai desde 68 até 43, correspondente a um período extremamente difícil e complexo para Cícero e para a República. A velocidade a que os acontecimentos se precipitavam justifica que muitas delas fossem escritas à pressa, quando o *tabellarius* estava quase de partida, e, por vezes, uma a seguir à outra, no

²⁶ Relativamente a Cícero, vd. M. P. Laurens, “Cicéron, maître de la *breuitas*”: *Présence de Cicéron* (Paris 1984), p. 33 e n. 33, onde é referido o exemplo ilustrativo da vivacidade das réplicas na carta *Ad Att.* 1.16; no que diz respeito a Plínio, veja-se, a título de exemplo, as cartas 4.9 (sobre o processo de Iulius Bassus, acusado de concussão no governo da Bitúnia) e 3.9 (sobre o processo de Caecilius Classicus, governador da Bética igualmente acusado de explorar os habitantes da província). A carta 4.9 termina com a informação, ao destinatário da carta, de que o discurso então proferido seguirá mais tarde, bastante mais tarde, por não ser fácil passar ao papel esse discurso tão longo, de uma sessão de quatro dias.

²⁷ Consulte-se, a este respeito, Ruth Morello, “Pliny and the Art of Saying Nothing”: Ruth Morello and Roy K. Gibson (edd.), *Re-Imagining Pliny the Younger*, in *Arethusa* 36 / 2 (2003) 187-209, pp. 196-201. Na p. 196, Ruth Morello escreve, relativamente a Plínio: “Like Cicero, he sends his polished speeches and other works to his friends, as gifts and as drafts for criticism, accompanied each time by an explanatory letter”.

mesmo dia. Por isso as cartas constituem um documento histórico sem par na história da epistolografia e da antiguidade.²⁸ E o facto não deixou de ser notado pelos próprios contemporâneos. Cornélio Nepos chamou a atenção para a sua importância documental, ao afirmar, a propósito do conteúdo da colecção dos 16 livros de cartas a Ático: *qui legat non multum desideret historiam contextam eorum temporum* (Att. 16.3), “quem as ler não lamentará a falta de uma história sobre aqueles tempos”.

Bem diferente é o que sucede com as cartas de Plínio, que são literárias, estudadas, *curatius scriptae*, mesmo quando se referem a acontecimentos próximos e vividos pelo autor. A contrastar com a sensação de espontaneidade e de sinceridade emanadas da correspondência de Cícero, parece que Plínio reelabora e reescreve os factos de que fala no intuito de lhes conferir um alcance literário e filosófico-moral.

Num total de 247 cartas, distribuídas em nove livros²⁹ e dirigidas a 105 destinatários, a obra epistolar de Plínio abrange um período de cerca de 10 anos, de 96-97 até 108. De acordo com a epístola que serve de prólogo à publicação da sua Correspondência, Plínio parece ter feito uma selecção das cartas que considerava dignas de publicação, ao mesmo tempo que manifesta o seu intuito de posteriormente ampliar esse *corpus*. Tomando como ponto de partida esta breve carta programática, os estudiosos discutem o problema da autenticidade ou do carácter fictício das cartas plinianas, sem que alguém ponha em causa a sua literariedade, sustentada quer na *uarietas* “como princípio ordenador do

²⁸ “La correspondência de Cicerón constituye uno de los mayores legados de la antigüedad romana y la más completa expresión de su autor”, nas palavras de Leonor Pérez Gómez, “La epístola en Roma. Siglos III-I a.C.”: Carmen Codoñer (ed.), *Historia de la Literatura Latina* (Madrid 1997) 321. Cícero quis publicar a sua correspondência, pelo menos em parte. Eis o que escreve em Att. 16.5: *Mearum epistularum nulla est synagogé; sed habet Tiro instar septuaginta, et quidem sunt a te quaedam sumendae. Eas ego oportet perspicam corrigam; tum denique edentur*. Nesta carta, datada de 9 de Julho de 44 a.C., talvez os motivos fossem de ordem política e de propaganda, como defende Carcopino, pelo que a sua edição viria a lume apenas depois de as ter expurgado. Morreu sem o ter conseguido, por isso foram tornadas públicas muitas que ele teria suprimido, ao que se crê.

²⁹ O Livro X, com 120 cartas, das quais cinquenta são rescritos de Trajano, reúne a correspondência de Plínio com o imperador.

epistolário”, quer no facto de faltar, no geral, uma conexão directa entre o objecto e o destinatário da carta. Para uns, “o *corpus* epistolar de Plínio distingue-se do de Cícero pelo facto de oferecer exercícios retóricos que o autor quer fazer passar por cartas autênticas. Uns críticos viram nessas cartas *laliai* (isto é, ‘discursos em miniatura’); outros, capítulos de novelas; vários outros vêem nelas artigos de ensaístas; alguns chegaram mesmo a considerá-las poemas em prosa³⁰; para outros ainda, elas tiveram origem numa situação real, embora Plínio as tenha submetido a uma reelaboração antes de as tornar públicas. Hoje tendem os críticos a inclinar-se para esta hipótese e, portanto, para a genuinidade das cartas, embora se defenda que possam ter sido reelaboradas tendo em vista a sua (ulterior) publicação. O que não suscita dúvidas é que essas cartas, discretas, elegantes, literárias, sobre os mais diversos assuntos, enviadas a uma grande variedade de destinatários, reais ou fictícias — as cartas, que não os destinatários —, retratam as preocupações do seu tempo e do seu autor.

As cartas de Cícero e as de Plínio transportam-nos, portanto, ao tempo em que foram escritas, mas de forma diferente: umas têm um carácter imediatista, as outras um pendor mais reflexivo. Como foi observado por um estudioso, a reflexão pliniana procede do particular para o geral; no caso de Cícero, “a sua reflexão nasce da acção e para ela tende”; “Cícero aconselha para o momento, Plínio para sempre, Cícero não tem o absoluto pela frente, mas a ocasião, ainda que a sua norma se possa depois aplicar a todas as ocasiões; o valor para que tende é político, ainda que implique um valor moral”; “à psicologia de Cícero falta o silêncio; sente-se à sua volta a multidão”. Em suma, o carácter autêntico das suas

³⁰ Beatriz Antón, “La epistolografía romana: Cicerón, Séneca y Plínio”, *Helmantica* 142-143 (1996) 105-148, pp. 132-133. Não é por acaso que quarenta e três (43) das cartas de Plínio tratam de homens de letras (por vezes literatos) ou obras literárias, o que dá bem a medida das preocupações literárias e culturais do autor. As suas cartas interessam pelo seu grau de estilização e pela correcção da sua linguagem, sinais claros de um complexo processo de elaboração artística.

vivências é o mesmo, mas o temperamento é diverso: “partindo da crónica, um procura fazer história, o outro contemplá-la do alto”.³¹

Estabelecida esta diferença essencial, pode afirmar-se que, no geral, são muitos os aspectos comuns às cartas de Cícero e Plínio. O primeiro diz respeito à função da carta, que é para ambos um meio de comunicar entre si. Este gosto pelo intercâmbio de notícias e opiniões é de tal forma exacerbado que chegam a exigir dos amigos cartas mesmo quando não tenham nada para dizer. Mas no geral tinham, partilhando com os amigos o que diziam, faziam ou pensavam: *Haec tibi scripsi, quia aequum erat te pro amore mutuo non solum omnia mea facta dictaque, uerum etiam consilia cognoscere* (Plínio, *Ep.* 1.5). Mais: no caso de Plínio, é notória a sua preocupação em dar conteúdo substantivo às suas cartas. Diz (3.20): *Habeant nostrae quoque litterae aliquid non humile nec sordidum nec priuatis rebus inclusum*. Subjacente estava sempre o exemplo de Cícero, cuja vida se encarregou de dar substância ao seu labor literário.

No capítulo dos temas e da extensão da carta, um e outro advogam, por princípio, a *breuitas* epistolar, que respeita a elegância do trato e a delicadeza para com o destinatário. Mas na prática nem sempre assim acontece. Cícero afirma por mais de uma vez preferir as cartas longas às cartas breves.³² Quanto a Plínio, é menos exigente nessa matéria e afirma, peremptório: não é longa a carta que não se afasta do tema proposto.³³ “Plínio, como Cícero, prefere cartas extensas e frequentes, todavia, influenciado pela teoria epistolar, possui um certo sentido da brevidade natural da carta e dos seus limites em comparação com o discurso forense

³¹ Da autoria de Francesco Trisoglio, estas são algumas das sugestivas frases com que o autor caracteriza (no seu artigo “L’elemento meditativo nell’epistolario di Plinio il Giovane”, *Fons Perennis. Saggi critici di Filologia Clássica raccolti in onore del Prof. Vittorio d’Agostino* (Torino, Rivista di Studi Classici, 1971) 413-444, p. 435-436) as reflexões de Plínio em contraponto com as de Cícero.

³² Veja-se Jacques-Emmanuel Bernard, “Vie sociale et norme épistolaire: les lettres de Cicéron et la *breuitas*”: *Euphrosyne* 32 (2004) 141-156.

³³ Veja-se *Ep.* 5.6 (descrição da villa da Toscana) e 9.2 (carta a justificar os motivos pelos quais não escreve cartas longas: por falta de talento e de matéria importante, ao contrário de Cícero, afortunado pelo talento e pelo tempo em que viveu).

(*epist.* 4.17), pedindo desculpa por uma extensão excessiva: *Iam finem faciam ne modum, quem orationi adhibendum puto, in epistula excedam (epist.* 2.5)”³⁴.

Plínio sente-se bem no terreno da carta, seja ela longa ou breve, pois tudo constitui pretexto para o epistológrafo emitir a sua opinião ou falar de si falando dos outros. Não se estranhe, por isso, encontrarmos na sua correspondência tipos de carta tão díspares como a carta informativa (menos frequente do que em Cícero), carta de recomendação, carta de condolências, elogio fúnebre, carta histórica, relato de sessão de tribunal, registo de fenómenos naturais, comentário sobre episódios paranormais, em suma, um conjunto de temas e motivos que encontramos já em Cícero e que reencontramos em Marcial e em Estácio, por exemplo.³⁵ “Frente a la carta-comunicación política o familiar ciceroniana, Plínio inventa y desarrolla la técnica de expresar en forma de género epistolar temas que se le ocurren, y cuya forma más adecuada de desarrollo parece la epístola.”³⁶ É que a carta foi considerada, na feliz formulação de Suárez de la Torre³⁷, uma “esponja” genérica, no sentido de ser uma variedade

³⁴ Citado de Beatriz Antón, art. cit., pp. 118-119. É interessante observar a forma laboriosa e o prazer que Plínio põe na descrição minuciosa das suas *uillae*. Há quem afirme que o intuito é meramente literário, pois nunca foi possível, com as anotações dadas, reconstituir o plano arquitectónico de qualquer dessas vilas. A.-M. Guillemin (op. cit., p. 116) considera, argutamente, haver na descrição de Plínio uma espécie de resposta ao seguinte passo de uma carta de Cícero a Ático (*Att.* 12. 9): “Nada é mais encantador do que a *villa*, o rio, a vista do mar, toda a envolvência; mas isto não vale uma carta mais longa”. Para Plínio valia, pois que a carta era pretexto para o exercício da descrição.

³⁵ Cícero distinguia entre cartas privadas e cartas públicas (*Att.* 15.21): *Aliter ... scribimus quod eos solos quibus mittimus aliter quod multos lectores putamus*. Plínio igualmente: *Aliud est enim epistulam aliud historiam, aliud amico aliud omnibus scribere (Ep.* 6.16).

³⁶ Carmen Castillo, “La epístola como género literario”, *Estudios Clásicos* 73 (1974) 427-442, p. 433. Sobre esta e outras matérias de epistolografia romana, veja-se com muito proveito, pelo levantamento e comentário de passos significativos da cartas de Cícero e Plínio, M. Nieves Muñoz Martín, *Teoría epistolar y concepción de la carta en Roma* (Granada 1985).

³⁷ Suárez de la Torre, “*Ars epistolica*. La preceptiva epistolográfica y sus relaciones com la retórica”: G. Morocho (ed.), *Estudios de drama y retórica en Grécia y Roma* (León 1987), 181.

textual que se apropria de uma rede de elementos provenientes de diversos gêneros, tão variável no fundo e na forma como na sua finalidade. Com esta característica, a carta tornou-se o veículo ideal para Plínio expor as suas ideias, os seus gostos, as suas preocupações, as suas curiosidades, as suas amizades, a sua influência.

Antes de encerrar este confronto entre a correspondência de Plínio e de Cícero — bem longe de ser minucioso, dada a grande diversidade de temas e tipos epistolares que ambos cultivaram —, importa dar a conhecer uma carta de Plínio, de clara orientação político-cultural, na qual é notória a influência de Cícero. Trata-se de um trecho dedicado ao elogio da Grécia como pátria da *humanitas*. Cícero tratara o tema e Plínio não deixou de o fazer, em termos tais que nos forçam a pensar que teve o Arpinate como modelo, já que ambos apelam a que seja tratada com respeito uma terra, a Grécia, de tão alta e veneranda antiguidade e importância do ponto de vista cultural e civilizacional. Vejamos:

Cícero escrevera, no ano de 60 a.C., uma carta ao irmão Quinto — que ia governar como propretor a província da Ásia —, dirigindo-lhe conselhos avisados sobre como deverá comportar-se um governador romano perante um país de língua e cultura gregas como a Ásia. Dizia ele:

Se a sorte te tivesse posto à frente de Africanos, Hispanos ou Gauleses, povos cruéis e bárbaros, mesmo assim pertenceria à tua cultura (*humanitas*) cuidar do seu bem-estar, utilidade e saúde. Mas quando governamos aquela raça de homens na qual não só existe a cultura, mas da qual se julga que ela se estendeu até aos outros homens, certamente devemos retribuí-la de preferência àqueles mesmos de quem a recebemos.

Já não tenho, com efeito, pudor de o afirmar, especialmente quando na minha vida e nos meus actos não pode ter lugar a menor suspeita de inércia ou de futilidade: que aquilo que alcançámos, o conseguimos graças aos estudos e artes que nos foram transmitidos pelos monumentos e ensino da Grécia.³⁸

³⁸ *Cartas ao irmão Quinto* 1.1.9.27-28; tradução de M. Helena Rocha Pereira, *Romana (Antologia da cultura latina)* (Coimbra 2000): 67-68. Nesta mesma carta, no § 5.16, Cícero parece comungar da opinião geral que vê nos Gregos seus contemporâneos um povo leviano e traidor, ao dizer: “Também dentre os Gregos é preciso ter cuidado com certas intimidades, a não ser de um reduzidíssimo número de

Comparemos agora com a carta, dirigida ao amigo Máximo (8.24.2-4), na qual Plínio tece um entusiástico elogio da Grécia como fonte de cultura — embora saiba que atravessa uma fase menos produtiva —, exortando-o a respeitar a *Achaiam, illam ueram et meram Graeciam, in qua primum humanitas, litterae, etiam fruges inuentae esse creduntur*. Eis o passo que nos interessa, em tradução:

Lembra-te que foste enviado para a província da Acaia, para aquela verdadeira e pura Grécia, na qual se crê terem primeiro sido inventadas a cultura [*humanitas*], a literatura, e até o trabalho dos campos; enviado para estabelecer a ordem na constituição de cidades livres, isto é, para junto de homens que são homens da maior humanidade, pessoas livres que são livres como ninguém, que mantêm esse direito outorgado pela natureza, graças à sua valentia, mérito, amizade, enfim, alianças e religião. Reverencia os deuses fundadores e os nomes das divindades, reverencia a glória de antanho e a própria velhice, que, se é venerável nos homens, nas cidades é sagrada. Que junto de ti se honre a antiguidade, os feitos grandiosos, até as lendas. Não diminuas em nada a dignidade, a liberdade, nem mesmo a jactância seja de quem for. Tem diante dos olhos que esta foi a terra que nos enviou o direito, que deu leis não a vencidos mas a quem as procurou, que é na cidade de Atenas que vais entrar, que é a Lacedemónia que vais governar. Roubar-lhes a última sombra e o que lhes ficou do nome de liberdade, é duro, cruel e bárbaro. (...) Lembra-te do que foram essas cidades, mas não as desprezes por já não serem o que foram.³⁹

A simples leitura destes textos é eloquente. Este confronto confirma, além disso, o que já se sabia: que Plínio, à semelhança de Cícero, admirava tudo quanto relevasse do domínio cultural. Ora já desde o Arpinate (para não falar de Terêncio ou do Círculo dos Cipiões) que a cultura / *humanitas* se confundia com a Grécia e o cultivo das Letras.

Em suma: apesar das diferenças, há nas cartas plinianas muitos pontos de contacto com as de Cícero, seu modelo: “Una de las constantes

homens, se é que os há, dignos da antiga Grécia: de facto, a maioria é enganadora, de ânimo leve e treinados por uma longa servidão no excesso da complacência.” Plínio, lembre-se, aludirá igualmente à decadência dos Gregos, tão diferentes dos de outros tempos.

³⁹ Plínio-o-Moço, *Epist.* 8.24, 2-7.

del epistolário es la presencia en él de su modelo ideal, Cicerón, frecuentemente citado y alabado (*Epist.*I, 2, 5; I, 5, 12; IV, 8, 4; IX, 2, 2), aunque, como es obvio, hay diferencias entre ambos *corpora* que no sólo derivan de la mediocridad de la que frecuentemente es acusado Plinio, sino también de las características de los distintos momentos de composición de las obras y de la diversidad de intereses de los autores”.⁴⁰

Finalmente, e para terminar este paralelo entre os dois autores, diga-se que outras aproximações teriam sido possíveis. Assim, por exemplo, um traço comum da personalidade de Cícero e Plínio era a predisposição de ambos para apreciar e admirar o talento dos outros, bem como para escrever cartas de recomendação para amigos e protegidos.⁴¹ Um outro diz respeito ao facto de nem um nem outro gostarem de perder tempo a assistir a espectáculos deprimentes e sem qualquer interesse artístico.⁴² Interessaram-se ambos por coleccionar obras de arte,

⁴⁰ Leonor Pérez Gómez, “La epístola en Roma. Siglos II-IV”: Carmen Codoñer (ed.), *Historia de la Literatura Latina* (Madrid 1997) 655. Talvez para se assemelhar a Cícero epistológrafo, Plínio insere vocábulos gregos na sua linguagem epistolar. Segundo Ettore Paratore, *História da Literatura Latina*, trad. de Manuel Losa, S.J. (Lisboa 1987) 199, o orador e tratadista Cícero evita escrupulosamente o recurso a termos gregos, mesmo técnicos, ainda que tenha de recorrer a perífrases complicadas. “No epistolário, pelo contrário, com a abundante introdução de termos e construções gregas, revela-nos que a conversação familiar das classes elevadas condescendia com o uso da língua em que se havia difundido e se exprimia a alta cultura”.

⁴¹ Fazia parte das atribuições do grande senhor procurar apoios e favores para um amigo ou familiar, pois os laços políticos e sociais assentavam no culto da *amicitia*. Cícero sabia-o bem, ele que compôs um tratado precisamente intitulado *De Amicitia*. Plínio, senhor de grande fortuna, revelou a sua filantropia no auxílio pecuniário e em muitas cartas de recomendação. Os argumentos que Cícero e Plínio invocam para sustentar o pedido ou a candidatura do protegido são os de ontem e de hoje, desde laços de conterraneidade a ligações clientelares e a razões de amizade, para lá das excelsas qualidades do recomendado. Além disso, e dado o prestígio daí decorrente, ambos exprimem, com a maior candura e naturalidade, o desejo de que os seus empenhos em favor do protegido cheguem ao conhecimento de outros. Ora a carta publicada torna-se um meio privilegiado para não deixar cair no esquecimento esse gesto. Os exemplos abundam no epistolário de ambos. Sobre este assunto, vide Agnès Bérenger-Badel, “Les critères de compétence dans les lettres de recommandation de Fronton et de Pline Le Jeune”, *R.É.L.* 78 (2000) 164-179.

⁴² Lembre-se, a título de exemplo, a carta de Cícero sobre a (má) qualidade dos espectáculos dados por ocasião da inauguração do teatro de Pompeio (*Ad Fam.*

encarregando amigos e conhecidos de as procurar ou de adquirir as que lhes interessavam.⁴³ Na sua relação com os escravos, aproximava-os a *humanitas* com que os tratavam e a sua preocupação com a sua saúde e bem-estar.⁴⁴ No capítulo do exercício do *patronatus* e da sua relação com os *clientes*, encontram-se igualmente afinidades e pontos em comum, muito embora esses dados comuns possam dever-se ao facto de ambos serem advogados e senadores de grande prestígio, o que os obrigava, de certo modo, a desempenhar tal função.⁴⁵ Enfim, as afinidades não ficariam por aqui, se fosse intuito deste artigo enunciá-las exaustivamente.

Conclusão

A história consagrou Cícero como o expoente máximo da oratória romana, a par da sua elevada estatura como estadista, escritor, teorizador da retórica, filósofo, epistológrafo. Plínio-o-Moço, por seu turno, ficou para a posteridade como um epistológrafo amável e como autor de um famoso *Panegírico de Trajano*, no qual delineou os traços de um bom

7.1; veja-se tradução e comentário desta carta por M. Teresa Schiappa de Azevedo em *Boletim de Estudos Clássicos* 9 (1988) 75-92) e Plínio, criticando os espectáculos circenses (*Ep.* 9.6).

⁴³ “Cícero estava constantemente a assediar Ático, que vivia na Grécia, para que estivesse atento a *objects d’art* interessantes, e servia-se do seu paciente amigo como comprador, despachante e consultor artístico.”, escreve Anthony Everitt, *Cícero, uma vida* (Lisboa, Quetzal editores, 2004) 106. Plínio pede também a ajuda de amigos para que lhe tratem de assuntos artísticos, como se pode ver nas cartas 3.6 (uma estatueta em bronze de Corinto) ou 9.39 (mármore e outros materiais para o restauro de um pequeno templo de Ceres). Sobre as questões de arte em Plínio, veja-se John Henderson, *Pliny’s Statue* (Exeter 2002).

⁴⁴ Cf. Cícero, *De Officiis* I.13.41 e Plínio, *Ep.*, 5.11.

⁴⁵ De resto, como escreve John Nicols num artigo muito interessante intitulado “Pliny and the patronage of communities”, *Hermes* 108 (1980) 365-385, p. 365: (...) patronage is one of the most important, yet elusive bonds in Roman society”. Na p. 366, o autor esclarece as quatro principais categorias do termo *patronatus*: 1. relação entre o *patronus* e o seu *libertus*; 2. entre o *patronus* e indivíduos de condição livre mas de classe social inferior; 3. o *patronatus* exercido pelo advogado (*patronus causae*) e 4. o *patronatus* em relação a comunidades, cujas pretensões apoiam. Cícero e Plínio podem documentá-las.

(ideal) governante, na esteira do *Pro Marcello* de Cícero e do *Peri Basileos* de Díon Cássio.

As vidas de um e outro têm muitos traços comuns, como vimos, pese embora o facto de terem sido muito diferentes, tão diferentes quanto a época em que lhes coube viver. Cícero viveu nos últimos tempos da República Romana e foi um dos últimos defensores e lutadores por um regime que caminhava para o seu estertor. Meio século de lutas civis tinha minado a confiança no estado romano e conduzido à preparação do clima político e social para a chegada de um salvador, um “pai da pátria” que “salvasse” Roma das suas contínuas lutas internas. Cícero lutou pelas suas convicções políticas, hesitou, ganhou, perdeu, foi um mártir da liberdade. Foi ele também — suprema ironia! — quem recorreu ao termo *princeps* para designar o primeiro cidadão, alguém com superior autoridade para conciliar os grupos sociais desavindos, sem saber que o termo representaria a morte da República pela qual tanto lutara.⁴⁶

A carreira de Plínio, por sua vez, desenrolou-se ao longo do governo dos imperadores Domiciano, Nerva e Trajano, em particular no tempo deste último, considerado o melhor dos Príncipes. Bem enquadrado socialmente, Plínio viu, nas palavras de A. C. R., “a sua ascensão na burocracia imperial facilitada pela ajuda dos amigos do seu tio”, o famoso Plínio, o naturalista.⁴⁷ Todavia, e apesar de ser um homem que parece ter passado pela vida sem que ela lhe quisesse mal, Plínio-o-Moço percebeu — e disse-o claramente — que as condições políticas eram difíceis, que o poder se concentrava na figura de um só (o imperador), que pouco espaço ficava para a defesa das grandes causas e dos grandes desígnios. O tempo em que viveu, desde os Flávios aos Antoninos, foi caracterizado pela *felicitas temporum* e, por isso, politicamente pouco

⁴⁶ Veja-se Pierre Grimal, *Cicéron* (Paris 1986) 439-444 e Alain Michel, *La philosophie politique à Rome* (Paris 1969) 19-23. M. Helena da Rocha Pereira afirma, contudo, não ser certo que Cícero tenha utilizado o termo *princeps* nessa acepção: vd. *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II, *Cultura Romana* (Lisboa 1984), 149.

⁴⁷ In *Enciclopédia Verbo*, nº 15 (1973), cols. 309-310, s.u. Plínio Cecílio Segundo (Gaio).

interessante. E isso reflectiu-se na sua obra. Plínio transformou o mundo envolvente em matéria literária e viu em Cícero (embora não só) o seu mestre e o seu mentor.

E não deixou de prestar a Cícero a sua homenagem. Aquele que se preocupava com o que poderiam dizer os vindouros a seu respeito volvidos seiscentos anos foi admirado já no seu tempo e, depois de algum abandono, “reabilitado” por Quintiliano e Plínio. De então para cá, passando por Frontão, S. Jerónimo, Símaco e tantos outros, da Idade Média ao Renascimento (lembrem-se as acesas polémicas em torno do ciceronianismo, no século XVI), foram inúmeros aqueles que quiseram valorizar a figura incomensurável de Cícero e a sua projecção. Na esteira de Quintiliano e Plínio.

* * * * *

Resumo: Este estudo tem como intuito recordar a vida e a obra de Cícero através da vida e obra de Plínio-o-Moço, grande admirador do Arpinate. O confronto incide sobre três componentes da obra de cada um (poesia, oratória e correspondência) e tem como pano de fundo duas vidas (quase) paralelas e a paixão de ambos pelos *studia humanitatis*.

Palavras-chave: Cícero; Plínio-o-Moço; *otium* e *negotium*; as Letras e a imortalidade.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo recordar la vida y la obra de Cicerón a través de la vida y obra de Plinio el Joven, gran admirador del Arpinate. El cotejo se centra en tres componentes de la obra de cada uno (poesía, oratoria y correspondencia) y tiene como telón de fondo dos vidas (casi) paralelas y la pasión de ambos por los *studia humanitatis*.

Palabras clave: Cicerón; Plinio el Joven; *otium* y *negotium*; las Letras y la inmortalidad.

Résumé: Cette étude a pour but de rappeler la vie et l'œuvre de Cicéron à travers la vie et l'œuvre de Pline le Jeune, grand admirateur de l'Arpinate. L'étude comparée porte sur trois éléments de l'œuvre de chacun d'eux (poésie, œuvre oratoire et correspondance) et s'inspire de leurs vies (presque) parallèles et de la passion de ceux-ci pour les *studia humanitatis*.

Mots-clé: Cicéron; Pline le Jeune; *otium* et *negotium*; les Lettres et l'immortalité.